

Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

UMA NOVA OCASIÃO

(Grande Semana de 11 a 18 de Abril)

Em Sua providência misericordiosa, Deus volta a oferecer-nos uma nova ocasião de servir, fazendo um esforço para as missões no curso da Grande Semana. Êste ano beneficiará de nosso labor e de nossos sacrifícios a Ilha de Madagascar, campo missionário caro ao coração de todo o adventista do sétimo dia da Divisão Sul-Europeia. Por êsse necessitado campo do longínquo Oceano Índico, temos trabalhado, orado, consentido sacrifícios.

A êle temos enviado nossos filhos e nossas filhas. Desde o dia em que o irmão e a irmã Raspal fizeram obra de pioneiros em Madagascar em 1926 até agora, todos os missionários enviados para êsse campo partiram da Europa meridional e da África do Norte. Nada de estranho que nos sintamos presos à «Grande Ilha», pela qual temos orado e feito sacrifícios!

Nada de estranho que nossos corações sejam atraídos por laços de simpatia para êsse povo entre o qual e para o qual nossos filhos e nossas filhas têm trabalhado com tanto zêlo e amor!

Todos os nossos membros estimarão, sem dúvida, ter uma vez mais o ensejo de servir a causa de Deus em Madagascar participando na campanha da Grande Semana dêste ano. Nossos corajosos e fiéis missionários dêsse campo permanecem lealmente no seu pôsto.

Com uma fé e uma confiança absolutas, esperam de nós os fundos necessários para a sua manutenção.

Nunca no passado foi vã a sua expectativa; e, tenho a certeza, nossos irmãos e irmãs da Divisão farão com que, ainda êste ano, com o auxílio de Deus, a sua esperança não seja decepcionada.

O benefício da Grande Semana não servirá êste ano para a construção de escolas ou de capelas, mas será empregado para pagar o salário de nossos missionários na Ilha de Madagascar.

Devemos procurar que êsses obreiros e suas famílias não tenham míngua de dinheiro. Não queremos que êles tenham de privar-se das coisas indispensáveis à vida.

Conhecendo pessoalmente o campo, sinto-me alegre em dizer-vos que os vossos esforços, as vossas orações e os vossos dons do passado em seu favor não foram vãos. Foi já realizada uma obra magnífica. Os fundos assim colocados renderão juros para o reino de Deus. Se pudésseis ver, como eu vi, os rostos radiantes de centenas de homens, de mulheres e crianças salvos da senda do pecado; se pudésseis ouvir, como eu ouvi, os testemunhos de louvor e reconhecimento a Deus pela luz e a esperança que penetraram nos corações, sentir-vos-feis mil vezes recompensados de todos os esforços que fizestes no passado por êsse campo, e agradeceríeis a Deus a nova ocasião que se nos oferece agora de O servir em favor de Madagascar.

A. V. Olson

.....

ESTAI PREPARADOS

Por E. H. WILCOX

«Por isso, estai vós apercebidos também; porque o filho do homem há-de vir à hora em que não penseis». S. Mateus 24:44. Significativas são as palavras de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Seu grande coração anela por vós e por mim. Deseja que todos nos salvemos. Sabe, entretanto, de nossas deficiências, e é por esta razão que apela para nós de maneira tão definida.

As palavras do Grande Mestre, aqui, não se dirigem ao mundo como um todo, mas a cada indivíduo, e em termos bem positivos. Estai vós apercebidos também. Podeis imaginar o Salvador fixando-vos nos olhos, apontando-vos com o dedo, a vós, directamente? Podeis experimentar o poder dessas palavras, ao dirigir-se Êle a vós? Acodem-vos à mente os vossos pecados, ao sentirdes-vos em Sua presença? Há, entre êles, um ainda não confessado? Irmão, irmã, ouvi aquela voz, confessai aquêlpe pecado, e endireitai tudo com Deus e o homem. Aquêlpe que vos fala é vosso amável Salvador; deu a vida para vos salvar; vem em pessoa para se encontrar convosco e levar-vos para Si, e quere que estejais pronto.

«À hora em que não penseis».

Vosso bendito Salvador ainda vos está fixando, e diz que «à hora em que não penseis», voltará. Talvez tenhais esperado longo tempo; as palavras têm, até certo ponto, perdido a sua força. Pusestes-vos a esboçar planos para o futuro. Mais terras, mais casas, mais bens terrenos; tendes a mente de todo absorvida nessas coisas, agora, e justamente quando o não pensardes, o Filho do homem virá. Oh! estais vós apercebidos? Talvez estejais dizendo: Eu sei que devia fazer mais pelos outros, não devia fazer certas coisas que estou fazendo; no próximo ano hei-de agir diversamente. Acaso considerais que o próximo ano talvez não chegue nunca? De hora em hora vidas estão sendo arrebatadas por desastres, aqui e ali. Homens e mulheres estão baixando prematuramente à sepultura, sem um momento de advertência. Há pouco tempo, falei no entêrro de um homem que, havia poucos dias apenas, assistira a um programa em nosso Colégio. Falei com êle exactamente quando ia partir. Hei-de lembrar sempre o derradeiro olhar que teve para mim. Dez minutos depois, um auto o atropelava, e dentro de poucas horas estava morto. A demora pode significar tudo para vós. Pode ocasionar-vos mais prejuízos do que o que se possa calcular em contos de réis. Pode tra-

zer-vos eterna destruição. Podeis perder as alegrias da eternidade, e o privilégio de fazer a mais maravilhosa viagem que se possa imaginar. Uma viagem da terra ao céu, tendo como guia e mestre o próprio Jesus. Viagem em que tereis ocasião de conhecer o grande universo de Deus, e as maravilhas por Êle criadas.

Hoje, muitos que outrora fruíram uma bela experiência cristã, vagueiam longe de Deus. Alguns estão-se absorvendo com as diversões mundanas — cinemas, teatros, dansas, corridas, e outras pouco recomendáveis. Mesmo sexta-feira à noite, o comêço do santo dia de repouso de Deus, é empregado em visitar lugares dessa espécie. Outros estão-se absorvendo com algum projecto nocivo, movimento político ou qualquer outro empreendimento mundano. Desapareceu aquela bela e abnegada experiência cristã. Sentis, vós mesmos, estar deslisando, mas dizeis que amanhã haveis de renunciar a tudo isso, ou no próximo ano, ou logo que chegéis a um certo pé, que aí haveis de voltar, e fruir aquela preciosa experiência cristã. Jesus vos diz hoje: «Estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis».

Estar preparado

Estar continuamente preparado, significa vida eterna. Um só momento de descuido pode significar eterna destruição. O juízo investigativo está em andamento desde 1844 até agora. Não sabemos quando será o nosso caso apresentado a Deus. Será o vosso caso apresentado quando estiverdes preparados, ou quando o não estiverdes? De que maneira comparecereis no juízo? Como Deus tem sido bom para connosco, em nos conceder o privilégio de conhecer esta preciosa verdade e quão cuidadosos devemos ser para que nós, juntamente com os que nos são queridos e os que estão perto de nós, estejamos sempre prontos. Que nossa vida testifique sempre em favor do bem. Escutai a voz do Salvador ao ecoar através das ondas do tempo: «Estai vós apercebidos também».

O Filho do Homem vem

Que alegria nos deve encher o coração ao lermos estas palavras! Alguém virá para pôr fim ao pecado, aos desenganos, à aflições e à dor. Não haverá mais guerras, nem arremêssos

(Conclue na pág. 6)

«Ainda um pouquinho de tempo...»

«Ó mamã, já não posso esperar mais. Porque é que Jesus não vem já?»

A mãe do Carlos aproveitou a pergunta do filho. Pôs de lado seus trabalhos, puxou o Carlos amorosamente para junto de si e disse:

«Meu querido filho, sei porque fazes esta pergunta. Estás a lembrar-te do que ouviste ontem acêra da guerra. Estás a recordar o que o papá explicou sôbre a terrível consequência do pecado, que êstes sofrimentos vêm por causa da desobediência dos homens. Não é verdade filho?»

«Sim, mamã», replicou Carlos, «e eu não compreendo porque Jesus não acaba já com tudo, tudo isso. Até chego a pensar que Êle não se importa conosco.»

«Carlos», disse a mãe com ternura, «vamos falar um pouquinho à luz das Escrituras Sagradas. Tu tens apenas seis anos mas és capaz de compreender o que hei de te dizer. Tu te lembras o que aconteceu ao nosso vizinho na semana passada?»

«Sim, mamã, os ladrões entraram pelo quintal e tinham muitas coisas ajuntadas e prontas para levarem quando apareceu alguém que os afugentou.»

«E depois, Carlos, que disse o guarda ao inquilino que fizesse?»

«É verdade, êle disse que guardasse tôdas as coisas sempre, porque o quintal sendo aberto tornava-se uma tentação para qualquer ladrão. Não me lembro agora como foi que na noite seguinte os ladrões conseguiram roubar tanta ferramenta. Porque não tomou o homem o conselho do guarda?»

«A razão é simples, Carlos», respondeu a mãe. «O vizinho julgava que os ladrões não voltariam naquela noite como foram quási apanhados na noite anterior, mas êles fizeram como todos os ladrões fazem: vieram quando menos eram esperados, e...»

«Ó mamã, desculpe eu a interromper, mas estou a lembrar uma passagem que a professora da Escola Sabatina explicou na semana passada. É qualquer coisa sôbre a vinda do nosso Senhor e um ladrão.»

«Sim, Carlos, vai buscar tua Bíblia e vamos ler essa passagem. Encontra-se no primeiro livro do Novo Testamento: S. Mateus 24:42-44. Diz: «Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o nosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também, porque o Filho do ho-

mem há-de vir à hora em que não penseis.» Estás a compreender, Carlos? Não devemos nunca dizer ou pensar que Jesus não vem, porque as Suas promessas são certas. E olha, queres tu ouvir mais alguma coisa sôbre isso? Encontra-se em Heb. 10:37: «Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará.» Podes ter tôda a certeza que Jesus não tardará a Sua gloriosa vinda e virá quando menos se espera.

«Mamã, a mãezinha já me leu S. Mat. 24 tantas vezes e lá fala em tantos sinais da vinda de Jesus. Como é então que Jesus vem sem que esperemos, quando êle indica mais ou menos quando vem?»

«Para responder-te vou fazer uma comparação. Tu te lembras daquela noite em que esperámos pelo Papá na janela? Êle disse que vinha entre as sete e oito horas. Tu querias vê-lo aparecer na volta da rua para poderes abrir a porta e estar à espera dêle. Lembras-te?»

«Sim.»

«E assim estivemos a ler um belo livro assentados à janela enquanto esperávamos. Às 6,30 tu disseste que êle devia estar aqui. Às sete horas tu disseste que êle demorava-se muito. Já estavas muito impaciente. Às sete e meia tu abandonaste a vigília dizendo que o Papá já não vinha aquela noite. Eu te disse que qualquer momento êle apareceria, mas tu não quiseste ouvir. Disse-te então que era pena abandonares a vigília dos últimos momentos porque tinhas estado a esperar bastante tempo e agora mais do que no princípio devias estar àlerta. Mas tu até já tinhas perdido o teu primeiro entusiasmo e não te importavas tanto em ver o Papá aparecer na curva da rua.

«Tem razão, Mamã, e foi naquele momento que o Papá apareceu e eu não o vi chegar depois de tanta espera. A mamã não disse nada, mas os seus olhos disseram que eu tinha perdido o que eu tanto ansiava, por falta de paciência. Digo isso porque muitas vezes a mãe me diz que preciso de mais paciência.»

«Acertaste, Carlos, e sabes tu que a Bíblia também fala disso?»

Vamos ler Heb. 10:35-36: «Não rejeiteis pois a vossa confiança que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa». Leia-mos agora os vs. 38-39: «Mas o justo viverá da fé, e, se êle recuar, a minha alma não tem prazer nêle. Nós, porém, não somos daqueles

que se retiram para a perdição, mas daqueles que creem para a conservação da alma».

Compreendeste tudo ?

«Mais ou menos, Mãe, mas que quere dizer : «Retiram para a perdição?»

«Isso refere-se àqueles que deixam a fé, isto é, que não mais guardam os mandamentos da lei de Deus. Afastam-se dos caminhos de Deus, perdem-se, não entram no reino do céu. Quão triste, Carlos, perder a vida eterna ! Mas a última expressão quere dizer exactamente o contrário.

Refere-se aos filhos de Deus que seguem fielmente os ensinamentos de Cristo, crescendo diariamente na fé. Êsses estarão prontos quando Jesus voltar.

Por isso receberão seu galardão.»

«Ó Mãe, perguntou ansiosamente Carlos, «haverá pessoas da igreja de Deus que já não esperam pela vinda de Jesus?»

«Carlos», respondeu tristemente a mãe, «não te quero dizer que sim, mas *pelos frutos se conhece a árvore*, e vejo que muitos estão a dizer pela sua maneira de proceder que não creem na volta de Jesus ou pelo menos não creem que seja tão cedo e, ainda mais, pensam que enquanto Êle não vier podem fazer tudo quanto lhes apetece. Há outros que no seu coração acreditam nas promessas de Deus, mas não creem, porque se cressem verdadeiramente, fariam sempre a vontade d'Êle. Mas as dificuldades da vida levam essas pobres pessoas a negligenciar exactamente o que mais precisam : dedicação diária às Escrituras e fervorosas orações. Lembra-te, Carlos, que qualquer pessoa que se dedica de coração a Deus, encontrará gozo e paz, e obedecerá aos santos preceitos.

Mas quando nós deixámos de lutar com Deus, descuidámo-nos em pequenas coisas a princípio, depois em maiores coisas, até que afinal estamos actualmente quebrando os mandamentos da lei de Deus. E por mais que alguém nos procure mostrar que a nossa situação é tal por nossa própria negligência, mais nos desculpamos dizendo que por causa da nossa situação financeira, ou a atitude de nossa família, ou por causa do proceder dêste ou aquêle, nos encontramos tão desviados dos caminhos de Deus.

«Filho, quero que estejas pronto cada momento de tua vida para te encontrares com o teu Deus. E como podes estar pronto, Carlos?»

Carlos esteve muito pensativo durante alguns momentos. Depois respondeu : «Tantas coisas vêm a minha mente, mas quando a mãe falou em «cada momento» lembrei-me do nosso belo hino com êsse pensamento. Estamos a decorá-lo na Escola Sabatina. Gosto muito da parte que diz :

«Cada momento por onde eu andar, Cristo meu Mestre me pode guardar».

«Sim, Carlos, é lindo, e se tu deixares Jesus reinar no teu coração, e te guardar «cada momento», estarás pronto quando Êle vier nas nuvens para ajuntar todos os seus filhos.

Caros leitores, que dizeis por vossas acções e palavras ? Sejamos vigilantes e estejamos prontos para a vinda do Senhor. Ela está muito mais próxima do que julgamos. Sigamos para a frente com coragem, vencendo tôdas as dificuldades. O Senhor está ao nosso lado para nos ajudar. Em breve teremos nosso galardão se formos fiéis.

E. V. H.

PÃO NOSSO

Maria, eu vi, àquela porta, agora,
Rezar, pedir esmola, uma velhinha :
Que triste e humilde e amargurada vinha !
nda a minha alma, de lembrá-la, chora.

(Meu Deus ! meu Deus ! por êsse mundo fora,
Quanta miséria e quanta dor caminha !)
Alguém ouviu pedir a pobrezinha :
E, sem piedade, quis mandá-la embora.

Como quem nega, e de negar consola :
— «Tenha paciência ! E volte... Não sabia ?
Temos um dia certo para a esmola.» —

— «Seja por Deus, e valha-me o Seu nome !
Pois sim... A esmola pode ter um dia :
Mas, para os pobres, todos são de fome !»

A NOSSA MESA

Há pão, há rosas sôbre a nossa mesa ;
Janelas, em redor, à serra e ao mar,
Magníficas, servindo à alma, ao olhar,
O mais lauto festim da Natureza !

Rosas e pão... (Um voto de pobreza,
Caberia, a sorrir, neste manjar.)
É de linho a toalha, inda a cheirar
Aos trevos e mentrastos da deveza.

As pombas entram : veem ter comigo.
Junto aos meus pés, espera o cão amigo :
Seus mansos olhos poisam-se nos meus.

Nem sempre há alegria... (Ê lei de todos !)
Mas almas em amor, e lindos modos :
— Há pão, há rosas e orações a Deus !

A legislação portuguesa e os Adventistas do Sétimo Dia

Por E. FERREIRA

Todo o fiel Adventista do Sétimo Dia sente que é seu privilégio seguir as palavras de Cristo: «Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (Mat. 22:21), ou, por outras palavras, cumprir não só os seus deveres para com Deus, mas também para com a autoridade civil.

É que, segundo as Sagradas Escrituras, «não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade, resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem» (Rom. 13:1-4).

Lemos no Espírito de profecia: «Eu vi que alguns têm um preconceito contra os nossos governantes e leis; mas se não fôsse pela lei, este mundo estaria numa terrível condição. Deus restringe os nossos governantes; porque os corações de todos estão nas Suas mãos. São postos limites, além dos quais eles não podem ir. Muitos dos governantes são dominados por Satanás; mas vi que Deus tem os Seus agentes, mesmo entre os governantes. E alguns deles converter-se-ão ainda à verdade. Estão agora desempenhando o papel que Deus queria que desempenhassem» (*Test.*, vol. I, p. 203).

Repetidas vezes nos tem sido pedida a publicação de algumas determinações que definem a nossa posição perante a lei do país, e pelas quais vemos que não raro Deus se tem servido das autoridades civis como Seus agentes. Em resposta a êsses pedidos, julgamos oportuno publicar algumas determinações oficiais, que nos permitem andar de cabeça erguida como os demais cidadãos, sem termos de que nos envergonhar, e que poderão na devida altura ser-nos úteis.

Direitos individuais — Segundo a Constituição Política da Nação Portuguesa, de 1933, actualmente em vigor, constitui direito e garantia individual dos cidadãos portugueses: «A liberdade e inviolabilidade de crenças e práticas religiosas, não podendo ninguém por causa delas ser perseguido, privado de um direito, ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico. Ninguém será obrigado a responder acêrca da

religião que professa, a não ser em inquérito estatístico ordenado por lei» (Art. 8.º, n.º 3).

Liberdade de Culto — Da mesma Constituição, art. 45.º: «É livre o culto público ou particular de tôdas as religiões, podendo as mesmas organizar-se livremente de harmonia com as normas da sua hierarquia e disciplina, constituindo por essa forma associações ou organizações a que o Estado reconhece existência civil e personalidade jurídica.

a) Exceptuam-se os actos de culto incompatíveis com a vida e integridade física da pessoa humana e com os bons costumes.»

Direito de reunião — Pelo decreto-lei n.º 22.468, de 11 de Abril de 1933, art. 2.º, § 2.º; «As conferências... que se realizem para fins de culto público de qualquer religião, não dependem de participação prévia.»

Art. 3.º «As reuniões não podem realizar-se nas praças e vias públicas nem, salvo autorização especial, iniciar-se ou prosseguir depois das vinte e quatro horas, e serão presididas e dirigidas por cidadãos que estejam no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos e sejam domiciliados no concelho em que se realizar a reunião.»

Perturbações dos cultos — Pela Lei da Separação da Igreja do Estado, de 20 de Abril de 1911, art. 11.º e art. 12.º, ainda em vigor, «Aquêle que por actos de violência perturbar ou tentar impedir o exercício legítimo do culto de qualquer religião será condenado na pena de prisão correccional até um ano, e na multa, conforme a sua renda, de três meses a dois anos.

«A injúria ou a ofensa cometida contra um ministro de qualquer religião, no exercício ou por ocasião do exercício legítimo do culto, será considerada crime público e punida com as penas que são decretadas para os mesmos crimes quando cometidas contra as autoridades públicas.»

Isenção de contribuição — Decreto n.º 11.887, de 6 de Julho de 1926, art. 16.º: «Continuam isentos de quaisquer contribuições gerais ou locais os templos e objectos nêles contidos; são também isentos de contribuição industrial os seminários.»

Locais de culto público — No mesmo decreto, art. 18.º, lemos: «O culto público pode realizar-se fora dos lugares a isso habitualmente destinados, nos termos em que se exerce o direito de reunião.»

Liberdade de ensino — Da Constituição vigente, art. 43.º, §§ 3.º e 4.º «O ensino ministrado pelo Estado é independente de qualquer culto religioso, não o devendo porém hostilizar, e visa, além do revigoramento físico e do aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, à formação do carácter, do valor profissional e de tôdas as virtudes cívicas e morais.

«Não depende de autorização o ensino religioso nas escolas particulares.»

Mocidade Portuguesa Feminina — Do Regulamento da organização nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, de 8 de Dezembro de 1937, apenso ao decreto n.º 28.262, da mesma data, art. 2.º, § único: «Podem ser dispensadas de tomar parte nos actos próprios da religião católica as filiadas que professem outra religião.»

Assistência religiosa nas prisões — Do Decreto-Lei n.º 26.643, de 28 de Maio de 1936, art. 285.º e art. 286.º: «Será facultada aos reclusos a prática da religião a que pertencerem.

§ 1.º Serão permitidas as visitas dos ministros do culto de harmonia com as prescrições regulamentares.

§ 2.º Se algum recluso estiver gravemente doente, será imediatamente comunicado o facto ao ministro do culto respectivo.

§ 3.º No caso a que se refere o parágrafo anterior, o ministro do culto poderá visitar o recluso fora dos dias e horas regulamentares e mesmo permanecer junto dêle o tempo que julgar conveniente.

Art. 286.º Os reclusos não poderão ser obrigados a tomar parte em qualquer acto ou cerimónia religiosa, ou a receber contra a vontade as visitas de ministros de culto».

Cemitérios — Segundo a Constituição vigente, art. 48.º, «Os cemitérios públicos têm carácter secular, podendo os ministros de qualquer religião praticar nêles livremente os respectivos cultos».

Personalidade jurídica da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia — Segundo o Decreto n.º 11.887, de 6 de Julho de 1926, art. 5.º, «A constituição, modificação e substituição das corporações encarregadas do culto tem lugar mediante participação feita pelos dirigentes das respectivas confissões ou por seus procuradores, devidamente autorizados, ao governador civil do distrito onde tiver a sua sede a corporação, acompanhada de dois exemplares dos respectivos estatutos». Em conformidade com a disposição dêste Decreto, os

Estatutos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia foram arquivados, em 30 de Agosto de 1941, na competente repartição do Governo Civil de Lisboa, ficando pelo facto legalmente reconhecida esta corporação.

Ficam citadas algumas das mais importantes disposições legais relativas aos Adventistas do Sétimo Dia.

Segundo elas, está bem definida a nossa posição perante o Estado Português. Claramente podemos constatar que a respectiva autoridade, publicando as leis citadas, foi «ministro de Deus para teu bem».

Em conclusão, possamos seguir o conselho de S. Paulo: «Admoesto-te pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e acções de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade. Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador» (I Tim. 2:1-3).

ESTAI PREPARADOS

(Conclusão da pág. 2)

de bombas das alturas, nem fugas para secretos refúgios. Não mais separações ocasionadas pela fria mão da morte. Sim, Jesus virá e virá em breve. Não sabemos a hora, mas os indícios mostram que Sua vinda está próxima.

Enquanto escrevo estas linhas, são atiradas ao ar as novas de uma bela jovem que ia do Colégio para casa, acompanhada de um jovem companheiro, a fim de passar um feriado com os pais, sendo morta esta manhã ao voltarem uma esquina, quando o carro derrapou, indo de encontro a um poste telefónico. Aquela mãe e aquêl pai estavam aguardando a chegada da filha. Estavam fazendo os preparativos; ela ia chegar ao lar, mas oh! a triste notícia! Quão terrível a decepção! Êste velho mundo não é nosso lar, preparemo-nos para outro melhor. Um lar que, se para êle nos prepararmos, não ficaremos desapontados. Se vigiarmos e nos aprontarmos para ir, Jesus virá e nos levará em Seu carro — um carro que desconhece acidentes. Se por Êle esperarmos, não nos faltará; virá outra vez. Sua palavra é infalível. Suas promessas, fiéis. Nossa suprema ambição e alegria maior devem consistir em nos prepararmos, e em estarmos sempre prontos para nos encontrar com Jesus, o Filho de Deus. Escutai as comoventes palavras: «Por isso estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis». S. Mat. 24:44.

Através do mundo Adventista

Notícias da França — Apesar das condições difíceis ocasionadas pela guerra, nossos irmãos em França continuam dando provas de um esplêndido espírito cristão. Voltou de novo a imprimir-se mensalmente, agora em Collonges, a *Revue Adventiste*. Pela leitura dos números deste ano chegados até nós, podemos constatar uma boa messe de batismos em Grenoble, Valence e Nice. O seminário de Collonges continua em pleno funcionamento. Inscreveram-se este ano 83 alunos, justamente o mesmo número do ano lectivo 1935-36. Como vemos, apesar de sacrifícios e desconfortos inevitáveis, neste particular a guerra foi vencida pelos nossos jovens de França, que tão valentemente se preparam para a obra do Senhor. De longe, enviamos aos nossos irmãos franceses as mais cordiais saudações, e... *en avant!*

Boas novas da Bélgica — De um recente relatório sobre a obra na Bélgica, respigamos o seguinte parágrafo: «Em 1 de Janeiro de 1940 a Conferência Belga tinha 598 membros; em 31 de Dezembro atingia 624. Ultrapassamos agora a casa dos 600. Houve 44 batismos em 1940. A igreja francesa de Bruxelas ocupou o primeiro lugar no capítulo dos batismos; vem depois Ghent, Bruges e a igreja flamenga de Bruxelas. As perspectivas são ainda melhores para este ano».

A imprensa de Angola e os Adventistas — Do bi-semanário de Lobito, *O Lobito*, reproduzidas pelo *Jornal das Colónias*, de 28 de Janeiro de 1942 e pelo *Portugal Novo*, de 16 de Fevereiro de 1942, extraímos as seguintes linhas, bem significativas de que o esforço de nossas missões nem sempre é mal compreendido:

«Não se pode negar que os Hospitais das Missões estrangeiras, instaladas em várias regiões do Planalto, prestam benemérita assistência à colonização.

«Ainda recentemente nos certificámos dos relevantes préstimos destas missões, no campo da Assistência, ao sabermos do internamento de forçado e estimado colono acometido de doença grave e súbita, onde foi carinhosamente acolhido, tratado e operado imediatamente, com uma solicitude e interesse muito de louvar e reconhecer, rodeado de atenções e cuidados, que jamais poderiam ser excedidos noutra parte.

«Contra factos não há argumentos, e por isso mesmo não há argumento possível nem imaginário que destrua a obra de assistência de tão grande alcance social, que as Missões Adventistas ou Protestantes estão a exercer em larga escala e com toda a benemerência.

«Pois bem hajam!»

«Orai pelos que vos maltratam» — Colportando na África do Norte, um jovem foi expulso, certa manhã, de uma bela residência, sentindo-se depois disso impulsionado a orar pela senhora que o tratara tão rudemente. Nessa tarde, sentou-se ao lado dela, no único lugar vago que havia num carro com a lotação completa. Imediatamente expressou alegria por encontrá-lo de novo, e pediu desculpas pela falta de cortesia. Sentira todo o dia a necessidade de ler o livro e, com satisfação, comprou um exemplar. Um funcionário do govêrno, sentado próximo deles, observou a cena e expressou o desejo de adquirir também o livro. Logo descobriu ser publicado pelos Adventistas do Sétimo Dia, e explicou

que, sete anos atrás, comprara uma revista adventista e ficara impressionado com o cumprimento das profecias bíblicas. Os outros passageiros, inclusivamente um capitão, um dirigente religioso árabe e várias senhoras interessaram-se e cada qual adquiriu um ou mais livros. Ali mesmo o colportor vendeu oito livros grandes e cinco pequenos, recebendo dois endereços para o envio de mais literatura.

Por causa da fé — Com que então desejas estar livre ao Sábado?

— Sim, meu capitão.

— Então tens de ter a cabeça rapada.

Estas palavras foram ditas numa conversa entre um oficial e um soldado adventista que pedia para ficar livre ao Sábado.

Como o dito soldado se declarasse pronto, foi chamado o barbeiro da companhia. Primeiro cortou-lhe o cabelo e depois barbeou-lhe a cabeça. Apesar disso, foi-lhe negado o Sábado livre. Como não cumprisse os seus deveres ao Sábado, foi mandado para a prisão, mas foi pôsto em liberdade dois ou três dias depois.

No dia seguinte o nosso irmão dirigiu-se de novo ao oficial e pediu-lhe autorização para ser dispensado dos seus deveres oficiais no Sábado.

— Não estás ainda contente com a cabeça rapada? — perguntou o capitão.

— O apóstolo Paulo estava pronto não só a perder o cabelo, mas até toda a cabeça por causa da fé, foi a corajosa resposta do nosso irmão.

— E estás tu pronto a isso, também?, perguntou o capitão. Eu sou católico, mas não posso cumprir o mandamento da minha igreja, pois tenho de comer carne de porco quando me é servida à Sexta-Feira.

— Eu estaria pronto a jejuar 48 horas, se estivesse em tal posição, disse o nosso irmão.

— Bem, disse o capitão, se eras capaz de fazer isso, então podes ter o teu Sábado livre. — (*Hans Struve*).

A Bíblia na Rússia — Crê-se em geral que há alguns anos a publicação e a circulação da Bíblia está proibida na Rússia. Tudo *tem sido* feito para que o povo russo não possa ter a Palavra de Deus. Mas agora o jornal sueco *Hemmets Vän* diz-nos que foram tomadas medidas para que 500.000 evangelhos na lingua russa sejam enviados a campos de prisioneiros russos. Eis mais uma prova de que nenhum poder terrestre pode para sempre impedir que os habitantes de um país ou doutro não recebam o Evangelho de Cristo. Aquê que disse que a Sua Palavra abençoada seria dada a toda a nação, tribo, lingua e povo, velará para que o caro livro atinja não só campos de prisioneiros, mas também cada canto e recôndito de cada país do mundo. Por vezes os que foram os piores inimigos do evangelho de Cristo, tornam-se os Seus melhores amigos, Seus propagandistas mais zelosos. Lembrai-vos de Saulo de Tarso. — (*A. V. Olson*).

Nossa obra na Lapónia — Nam jornal sueco, *Göteborgs Handels-Tidningen*, de 8 de Janeiro, aparece uma rubrica que não deixará de interessar os Adventistas do Sétimo Dia. Ei-la:

«Kautokeino, na Lapónia norueguesa, ao longo da fronteira finlandesa, é uma grande província, sem estradas, habitada quasi exclusivamente pelos lapónios. Até ao outono passado, o médico mais próximo encontrava-se em Alfta, na costa, a cerca de cin-

Ainda sôbre o espírito de profecia

Por A. V. OLSON

Encontramos por vezes Adventistas do Sétimo Dia que nos dizem que crêem na inspiração dos escritos do Espírito de profecia, sem todavia quererem atribuir-lhes uma importância igual à da Bíblia. Convidados a explicar mais pormenorizadamente o seu ponto de vista, essas pessoas declaram geralmente não acreditar que os escritos da Irmã White tenham sido divinamente inspirados da mesma maneira que os livros da Bíblia, e daí concluem que as instruções encerradas nas obras da nossa irmã não são tão sagradas nem tão importantes como as que se encontram no Santo Livro. Feita esta dedução, nossos amigos parecem sentir que os ensinamentos dados pela pena da Irmã White não os obrigam com a mesma fôrça que os da Bíblia, e que portanto não têm necessidade de ser seguidos tão conscienciosamente como os da Bíblia.

Nenhum Adventista bem informado pensa um instante sequer em colocar os escritos da Irmã White em pé de igualdade absoluta com as Santas Escrituras. Entre todos os livros do mundo, a Bíblia ocupa sôzinha o primeiro lugar. Sempre assim foi desde a sua existência: sempre assim será até ao fim dos tempos.

O facto de a Bíblia estar acima de todos os outros livros no mundo não nos autoriza porém de maneira alguma a deduzir que nenhum escritor tenha sido divinamente inspirado além dos autores dos sessenta e seis livros que compõem a nossa Bíblia. Tal conclusão seria um grande êrro. A própria Bíblia fala de diferentes pessoas, não compreendidas entre os escritores bíblicos, que foram profetas de Deus, ou seja homens e mulheres a quem o Senhor se revelou por meio de visões e sonhos, e aos

quais foram confiadas mensagens que deviam ser dadas, oralmente ou por escrito, a seus contemporâneos. Essas mensagens foram tão divinamente inspiradas como as apresentadas pela Bíblia. Essas mensagens provinham directamente de Deus, e não se podia ignorá-las sem O desonrar e sem Lhe desobedecer.

Assim como Deus se revelou outrora a Seus servos e profetas, por meio de visões e sonhos, Êle se revelou à Irmã White também por visões e sonhos. E, assim como Êle confiou aos profetas de antanho mensagens de verdade para o Seu povo, também Deus confiou à Irmã White mensagens de verdade para a igreja do resíduo. Da mesma maneira que santos homens de Deus escreveram outrora sob a inspiração do Espírito Santo, também a Irmã White escreveu sob a influência do Espírito Santo.

E se tudo isto é exacto, deve ser claro para todos que as mensagens devidas à pena da Irmã White são de origem divina; que são mensagens vindas a nós directamente de Deus. Sendo êste o caso, essas mensagens têm uma importância vital, e não podem ser tratadas levianamente por nós sem que o futuro de nossas almas seja pôsto em perigo. Cada palavra que nos vem de Deus por meio de um de Seus servos inspirados (quer seja por Moisés, Isaías, Paulo ou Irmã White) é importante, e devia ser cuidadosamente estudada e seguida. Não temos nenhum direito de ignorar certas admoestações de Deus pelo simples facto de as acharmos menos importantes do que outras instruções que Êle nos deu. Segundo o sermão da montanha, até o mais pequeno mandamento deve ser obedecido.

quenta milhas ao sul. Há alguns meses, segundo notícias recebidas de Nordkap, a Missão Lapónica dos Adventistas do Sétimo Dia enviou um médico e uma enfermeira para Kautokeino. Durante os poucos meses da sua actividade, puderam já auxiliar muito os que ali vivem, e ganharam numerosos amigos, entre os habitantes da pequena cidade, assim como entre os Lapónios nómadas das montanhas.

É animador sabermos que apesar da guerra que desorganiza e transtorna tantas coisas no mundo, a obra de Deus prossegue para a frente. Alegramo-nos por os nossos irmãos da Noruega terem podido estabelecer uma missão médica entre os Lapónios dêsse país do setentrião bem dentro do círculo polar ártico. O que se conhece pelo nome de Lapónia é uma vasta região que se estende através do norte da Noruega, a ponta setentrional da Suécia, a Finlândia setentrional, até à Rússia. Esta região é frequente-

mente chamada o país do sol da meia-noite, mas não devemos esquecer que durante alguns meses do ano nunca se vê ali o sol nem sequer em pleno meio-dia. É um país frio, rugoso, selvagem. Apesar disso milhares de Lapónios têm lá «a vida, o movimento e o ser». A maior parte dêles são nómadas, que vão com os seus rebanhos de renas de um lugar para outro segundo os caprichos do seu espírito.

Há já alguns anos, colportores noruegueses, suecos e finlandeses, em skis ou com carros de renas, viajaram através dessas solidões sem caminho desbravado, vendendo os nossos livros e folhetos. Foi também feito um pouco de trabalho de evangelização, e agora uma missão médica, dirigida pelo Doutor Hoggonvik, foi aberta.

Oremos todos a Deus para que abençoe ricamente a Sua obra e os Seus obreiros na Missão Lapónica. — (A. V. Olson).

LENDO O ESPÍRITO DE PROFECIA

Espírito de crítica

«Vêdes que os vossos irmãos não se aproximam do modelo que a Bíblia apresenta e vêdes nêles defeitos; e prendeis-vos com êses defeitos. Alimentais-vos dêles, em vez de vos alimentardes de Cristo. E ao contemplá-los, assemelhais-vos a êles. Não critiqueis, porém; não façais o contraste entre a vossa própria maneira de proceder e as deficiências dos outros. Podeis correr o perigo de querer corrigir os outros, e fazer-lhes sentir os seus erros. Não façais isso. Esta não é a obra que Deus vos deu para fazer. Êle não vos fêz mexeriqueiros da igreja. Há muitas coisas que examinais à luz da Bíblia. Mas embora sigais a justiça em alguns pontos, não fiqueis com a impressão de que a vossa situação é sempre correcta; porque em muitos pontos as vossas idéias estão desnaturadas e não resistirão à crítica.» — *Test.*, vol. V, p. 334.

«Fazeis o vosso juízo dos indivíduos e comentaís o seu procedimento e maneiras, quando não compreendeis a sua posição e obra. Considerais as coisas sob o vosso ponto de vista; e então estais prontos a duvidar ou a condenar a senda que êles seguem, sem encarar sinceramente os assuntos sob todos os pontos de vista. Não tendes nenhum conhecimento dos deveres dos outros, e não vos deveis sentir responsáveis pelos seus actos, porém cumprir o vosso dever, deixando os outros entregues ao Senhor. Mantendo o vosso espírito com paciência, conservai a paz e a calma de espírito; e sêde gratos.» — *Test.*, vol. III, p. 424.

«Tendes errado grandemente na vossa experiência religiosa. Tendes estado de parte, como assistentes, como espectadores, a observar as deficiências e faltas dos outros, e a erguer-vos porque vêdes erros neles. Tendes sido zelosos e íntegros em parte, e como tendes visto, a êste respeito, negligência nos outros, que se dizem ser justos, fizestes o contraste entre os seus erros e os vossos princípios, e

dissestes em vosso coração: Sou melhor do que êles, enquanto ao mesmo tempo vos conservais afastados da igreja, observando e descobrindo erros, não fazendo todavia nada, nem sequer servindo em pro do Senhor para remediar o mal. Tínheis um padrão pelo qual medíeis os outros. Se êles deixavam de corresponder à vossa idéia, a vossa simpatia não os acompanhava, ao passo que tínheis um sentimento de satisfação própria.» — *Test.*, vol. II, p. 255.

«Os corações dos homens hoje não são melhores do que no tempo em que Cristo estava na terra. Êles farão tudo o que puderem para ajudar o grande adversário a tornar a vida tão árdua quanto possível aos servos de Cristo, tal qual como o povo fêz com Cristo quando estava na terra. Afligirão com língua caluniadora e falsa. Criticarão e voltarão contra o servo de Deus os verdadeiros esforços que êle procura levá-los a praticar. Com as suas más suspeitas verão fraude e desonestidade onde tudo é recto e onde existe perfeita integridade. Atribuirão motivos egoístas aos servos de Deus, quando Êle mesmo os está conduzindo, e quando êles dariam até as suas próprias vidas se Deus o requeresse, se fazendo assim êles pudessem fazer avançar a Sua causa. Os que fizeram menos, e fizeram o menor esforço na causa da verdade, são os mais apressados em notar falta de fé na integridade dos servos de Deus que estão em lugares de posição para levarem as responsabilidades financeiras na grande obra. Os que têm confiança, na obra de Deus estão desejando arriscar qualquer coisa para o seu avanço, e a propriedade espiritual está em proporção às suas obras de fé. A Palavra de Deus é o nosso estandarte, mas quão poucos o seguem! A nossa religião será de pequeno valor para os nossos semelhantes se fôr somente teórica e não prática. A influência do mundo e do egoísmo é levada por toda a parte, por muitos que professam estar seguindo

a Bíblia. Êles são como uma nuvem, esfriando a atmosfera na qual se movem os outros.» — *Test.*, vol. IV, p. 234.

«Alguns estão prontos a dizer qualquer coisa, a apresentar qualquer acusação contra os servos de Deus e a ser demasiado zelosos em apontar faltas. E se podem encontrar um exemplo qualquer em que, no seu zêlo pela causa de Deus, pensam que os ministros falaram com decisão, e talvez com severidade, esforçam-se por tirar o maior partido das suas palavras, sentindo-se com a liberdade de desenvolverem o espírito mais desagradável e mau, e de acusarem os servos de Deus com falsas razões. Que êstes descobridores de faltas perguntem o que teriam feito em circunstâncias semelhantes, arcando semelhantes responsabilidades. Que êles vejam, procurem e condenem seus próprios erros, o seu procedimento arrogante e a sua própria impaciência e irritabilidade; e quando êles mesmos estiverem sem pecado, que atirem a primeira pedra de censura aos irmãos que se esforçam por os guiar na disciplina. Um Deus santo não trará almas para a verdade, para ficarem debaixo de uma tal influência como a que tem existido na igreja. O nosso Pai Celestial não é tão imprudente que traga para a Igreja almas que seriam moldadas pela influência dêstes homens que não são consagrados no coração e na vida. Êstes homens não estão em harmonia com a verdade. Não estão em união com o corpo, mas estão conduzindo para fora da Igreja. Estão fazendo um trabalho contrário ao daqueles que Deus está usando para trazer almas para a verdade.» — *Test.*, vol. IV, p. 238.

«As palavras e os actos {testificam bem o que vai no coração. Se a vaidade e o orgulho, o amor próprio e o amor dos vestidos, encherem o coração, a conversação cairá sôbre modas, sôbre o fato e sôbre a aparência, mas não sôbre Cristo ou sôbre o reino de Deus. Se sentimentos invejosos habitarem no coração, êles serão manifestados por palavras e actos. Os que se medem pelos outros, fazem como outros fazem, e não alcançam talentos mais elevados, desculpando-se a si próprios por causa das faltas e erros dos outros, estão-se alimentando com cascas e ficarão anões espirituais por tanto

Mobilizando um mais vasto exército de literatura

Em Apocalipse 18 : 1 lemos : «E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória». O espírito de profecia comenta da seguinte maneira êsse texto : «Ê em grande parte por meio de nossas casas publicadoras que se há-de efectuar a obra dêsse outro anjo que desce do céu, com grande poder, e ilumina a terra com sua glória». — *Testimonies*, vol. VII, pág. 140.

«O mundo há-de receber a luz da verdade mediante o ministério evangelizador de nossos livros e periódicos. Nossas publicações devem ir a tôda parte. Que sejam editadas em muitas línguas. A terceira mensagem angélica deve ser transmitida por êsse meio e por intermédio do ensinador vivo». — *Id.*, vol. IX, págs. 61, 62.

Nossa literatura se imprime hoje em 196 idiomas. Aproximadamente 3,500 pessoas que devotam todo o seu tempo à obra de colocar essas páginas impressas nas casas do povo. Êsses intrépidos soldados da cruz, juntamente com um vasto exército de nossos membros, leigos, semeiam a literatura em tôda parte. Em centenas de cidades, vilas e arraiais, em todo o mundo, ouve-se o ruído dos passos dêsses exércitos. Êsses obreiros constituem uma parte de «nossas linhas avançadas». Notável obra se realiza. Mas sabemos que nunca poderemos difundir o evangelho em todo o mundo, a menos que todos os nossos membros leigos ponham mãos à tarefa. Cada membro da igreja pode ter parte em enviar nossas boas revistas, brochuras, folhetos e outras publicações aos seus conhecidos. Em nossas cidades, milhares de nossos membros leigos devem ser mobilizados para colocar a página impressa nas mãos de seus vizinhos e amigos. Em muitos lugares, em regiões ainda não penetradas, a obra pode ser iniciada pelos colportores-evangelistas. Todos têm uma parte nesta tarefa. Veremos, assim, o cumprimento do que se acha escrito nos *Testemunhos*.

tempo quanto êles satisfizerem Satanás pela sua indulgência para com os seus sentimentos não consagrados. Alguns preocupam-se com o que hão-de comer e beber, e com o que hão-de vestir. Êstes pensamentos fluem da abundância do seu coração como se as coisas temporais fôsem o grande alvo na vida, o mais evado talento. Essas pessoas esquecem as palavras de Cristo : «Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas.» — *Test.*, vol I, p. 500.

Notícias da Missão de Cabo-Verde¹

Parti no dia 16 de Fevereiro deste ano para a viagem a Cabo-Verde a bordo do *Guiné*, depois de apertar a mão e abraçar um bom número de irmãs e irmãos da Congregação de Lisboa que, muito embora lhes tivesse pedido para não se incomodarem nem abandonarem os seus trabalhos, quiseram acompanhar os meus naquela despedida. A viagem até à Madeira correu normal. O barco partira cheio de soldados, sargentos e oficiais para a guarnição de Cabo-Verde. Convivi de perto com os sargentos, de todas as idades, alguns chefes de família com mulher e filhos cuja lembrança lhes humedecia os olhos de lágrimas e lá iam na esperança de voltar dali a dois anos ou quatro anos conforme as condições da partida. Entre eles, no meu camarote, descobri um jovem sargento a ler a Bíblia. Entrei em conversação com êle; era membro da igreja metodista do Pôrto; a Bíblia tinha-lhe sido oferecida pelo seu pastor Alfredo da Silva; tive a oportunidade de conversar sobre o Evangelho, de o animar a procurar na Palavra a luz da Mensagem para os últimos dias; devo dizer que, de todos os sargentos, êle se distinguia pela sua linguagem correcta, pelo idealismo também, pois era um dos dois únicos que se tinham oferecido como voluntários para Cabo-Verde. O Evangelho não enfraquece o amor da Pátria, disso tive provas naquele jovem. Nunca esquecerei o convívio ameno daquele grande grupo de sargentos, pessoas amáveis, alguns com graça inexcédível e que me tornaram toda a viagem até Cabo-Verde numa verdadeira romaria.

No dia 18 cheguei à Madeira. Desembarquei para deixar o primeiro carregamento de livros na nossa sucursal ali. Não esperava por ninguém no cais pois achara que não valia a pena estar a telegrafar. Lá estava porém a família Raposo com alguns irmãos da Congregação. Passei bons momentos na sua companhia e verifiquei que estavam animados e bem dispostos na obra do Senhor. A nossa Casa de Oração está quasi concluída e fizemos planos para proceder às Assembléias Anuais ali e à inauguração quando do meu regresso de Cabo-Verde.

No dia 21, sábado, levantei-me mais cedo, para proceder ao meu culto e escola sabatina. Fi-los regularmente no salão de segunda. Terminei a minha devoção tocando e cantando ao piano dois hinos. Quando acabei e saí, o cor-

redor estava com uma regular assistência de colegas de viagem que respeitadamente tinham ouvido os hinos. Depois um deles pedia-me que fôsse buscar o meu livro e cantasse mais alguns hinos. Sempre era uma variante no meio das músicas profanas vulgarmente tocadas!

No dia 22 chegámos à vista de S. Vicente. Acorámos já noite cerrada. Como nada conhecesse da cidade, pedi ao sr. Comissário autorização para ficar a bordo, o que me concedeu. No dia 23 desembarquei logo de manhã. Foi bem recebido pela Alfândega que se mostraram amáveis. Entreguei a carta de recomendação do Irm. Raposo para um amável comerciante da ilha, o Sr. Feijó que logo me acompanhou ao hotel e pôs a sua casa ao meu dispor. Por sua interferência fui logo recebido no hotel. Alguns dos meus companheiros de viagem forem menos felizes. Que Deus pague ao nosso bom amigo a sua valiosa ajuda.

Encontrei em S. Vicente um bravenço evangélico que me levou a casa do Ex.^{mo} Sr. Miranda, secretário da Câmara e director da Congregação Evangélica do Mindelo. Recebeu-me muito gentilmente e como um verdadeiro cavaleiro. Gostei muito de conversar com êle sobre a colónia, sobre as necessidades espirituais e materiais dos nativos. Levou-me a visitar a sua congregação onde cantámos alguns hinos, fiz oração e li as principais passagens das Sagradas Escrituras sobre o Advento. Têm uma congregação muito limpa e bem arranjada. S. Vicente deve ser um centro adventista o mais de-prensa possível. Tem possibilidades missionárias de alto valor. Foi ali que entrei em contacto directo com a população cabo-verdeana e fiquei capacitado que é uma raça inteligentíssima, de feições correctas, de uma vivacidade apreciável, amigos da instrução como se prova por não haver analfabetos no Mindelo, raça de marinheiros e que até tem dado homens notáveis das ciências e letras. Os pobres estão em circunstâncias muito precárias e a obra de evangelização tem de contar com o auxílio material a dar-lhes. Capacitei-me que o missionário que possa ser professor e enfermeiro e tenha pela infância e pela juventude um particular interesse e sincera simpatia terá um campo invejável de actividade. Ganhos os filhos os pais estarão também ganhos. E ao mesmo tempo ter-se-á feito também uma obra nacionalizadora de alto relêvo. Há uma certa má impressão sobre os brancos; os cabo-verdeanos têm encontrado nos brancos apenas exploradores, pessoas sem escrúpulos, cheias de

¹ Só depois de composto o presente número da Revista, nos chegou este artigo, que os leitores irão apreciar.

sensualismo e sem respeito diante da inocência das suas filhas. Quem como o missionário adventista poderá modificar tal atmosfera? Visitei o liceu de Mindelo e vi ali mais de trezentos jovens de ambos os sexos, alguns exemplares de viveza e de beleza da raça cabo-verdeana. De facto, os pequeninos e jovens cabo-verdeanos são amáveis. Com a idade vêm as privações e, infelizmente, os vícios, os piores dos quais são por vezes provocados e animados pelos brancos. Então tomam outro aspecto!

No dia 27 encontrei um veleiro de 20 T. chamado Rex que me conduziria à Brava. Tinha de partir. No momento em que entrei no barco tive desejo de desistir da viagem. Uma senhora declarou que não podia e lá se foi embora. Parti no veleiro já levado pelo desejo de estar com os irmãos da Brava já porque não supus ser tão má a viagem. Fiz a experiência de S. Paulo e lembrei-me muitas vezes naquelas 24 horas de navegação, em mar revoltado, com a vaga a invadir o barco, no meio das agonias do enjôo, das suas alusões aos perigos do mar e aos naufrágios. Não posso deixar de aludir ao aspecto bondoso e amabilidade do capitão Moço, um jovem cabo-verdeano de estatura hercúlea, sempre solícito em me proporcionar tudo quanto estava nos acanhados limites do seu barco e das suas possibilidades. Também não esquecerei nunca o cozinheiro Cacai (Carlos) e o seu café às onze horas da noite, sobre o tombadilho alagado pela vaga, num púcaro de esmalte que me faria vomitar em terra portuguesa mas que só me fêz bem naquele momento de enjôo. Prometi ao Cacai alguns escudos quando me viesse dizer que se avistava terra. Não se esqueceu disso e tive prazer em lhe retribuir a amabilidade.

Desembarquei na Furna da Brava às 15 horas do dia 28. Ali estava o nosso bravo João Esteves. Tinha-se dado à gentileza de mobilizar um dos raros automóveis da ilha para me transportar para cima, lá muito para cima, até quasi ao pico da ilha, à aldeia de Nossa Senhora do Monte. Estrada íngreme cheia de precipícios e que ainda hoje tornarei a fazer a cavalo para que o Rex leve estas notícias. À entrada da aldeia estava a Irmã Esteves acompanhada por membros da Congregação, o nosso Gregório com a mocidade da Igreja que se preparavam para cantar um hino mas não tiveram tempo de tal com a velocidade do automóvel e velocidade com que começámos a apertar a mão a todos. Encaminhá-mo-nos para a Igreja na entrada formavam alas os Júniores da nossa Mocidade e pétalas das poucas flores escapadas à seca mortífera caíram sobre nós, enquanto as suas vozitas entoavam um hino. Entrámos na Congregação e ali orámos e cantámos

alguns hinos. Logo começaram a afluir a casa do nosso Irmão Esteves os membros da Igreja e amigos que vinham dar-nos os seus cumprimentos. Tomei o banho que melhor me soube em todos os dias da minha vida, saboreei o esplêndido jantar feito pela Irmã Esteves e um cansaço enorme fechava-me os olhos. Havia 36 horas que não dormia. Despedi-me de todos e fui para o quarto.

As ilhas de Cabo-Verde e, em especial a da Brava, são belas, de uma beleza magestosa e aterrorizadora. São escarpadas sobre o mar. Não têm vegetação por falta de água. A Brava está este ano de aspecto calcinado e segundo o que vejo deve ser grande a necessidade deste povo. Pode haver dinheiro mas não basta isto para fazer aparecer a verdura e a comida: Os nossos missionários mostraram-me as únicas vitamimas à sua disposição em casa; uns tomates microscópicos e que já estão a desaparecer. É preciso ser herói para resistir a estas circunstâncias. Água só a de cisterna e como este ano não choveu dentro em pouco vai acabar. Depois? Eis o problema.

Mas há almas aqui para ouvirem a Mensagem. Precisamos estabelecer mais missões nos lugares acessíveis. A nossa Igreja da Brava é muito bonita e imensamente superior à católica. Ela necessita ser melhorada. Precisa de um instrumento de música. Precisa das orações e simpatia de todos os irmãos e irmãs na metrópole. Terá de receber o esforço de algum jovem ou jovens do Curso Bíblico. Na ilha fronteira do Fogo há já almas baptizadas. Necessitamos continuar ali.

São horas de fechar. Tenho de levar esta à furna para que parta no Rex. Oraí pela Missão de Cabo-Verde. Estudai, meus jovens, o que os livros vos dizem de Cabo-Verde e depois, quando eu regressar, vos acrescentarei o que me fôr dado examinar.

A. Dias Gomes

Prisões na Roménia

De uma carta do Ir. H. Struve, datada de 31 de Março do ano corrente: «Acabo de fazer uma longa viagem através dos Estados Balcânicos. Foi uma viagem muito interessante. Gostaria de lhe contar todas as maravilhosas experiências que os filhos de Deus ali têm feito, mas, não o posso fazer agora. Não quero, porém, deixar de lhe dizer que a nossa obra ali avança muito bem, apesar de todas as dificuldades.

«Quando passei pela Roménia havia cerca de 800 membros em prisão, 45 dos quais — na sua maioria pastores e outros oficiais de igreja — se encontram na mesma prisão. Cada manhã e cada tarde têm o seu culto, cada Sabado têm a sua escola sabatina, e cada trimestre celebram a Ceia do Senhor. Formam uma verdadeira igreja de prisão. Recentemente tiveram o primeiro baptismo na prisão: 16 almas foram baptizadas».

À MARGEM DE

“O conflito dos séculos”

A pp. 272 e 273 de *O Conflito dos Séculos*, Helena White refere-se ao tão conhecido «Massacre ou Matança de S. Bartolomeu», levado a efeito em Paris e arredores, no dia 24 de Agosto de 1572, tendo sido então exterminados nada menos de setenta mil franceses, que não tinham outro crime que o de seguir as Sagradas Escrituras. Este massacre foi, como lemos no citado livro, «o mais negro, do negro catálogo de crimes, a mais horrível entre as acções diabólicas de todos os hediondos séculos». Em seguida refere-se a serva do Senhor ao tumultuoso júbilo com que foi recebida e festejada esta notícia em Roma. Citando Henry White, escreve: «Quando as notícias do massacre chegaram a Roma, a exultação entre o clero não teve limites. O cardinal de Lorena recompensou o mensageiro com mil coroas; o canhão de Santo Angelo reboou em alegre salva; os sinos tangeram em todos os campanários; fogueiras festivas tornaram a noite em dia; e Gregório XIII, acompanhado dos cardiais e outros dignitários eclesiásticos, foi, em longa procissão, à igreja de S. Luís, onde o Cardinal de Lorena cantou o *Te Deum*. . . Uma medalha foi cunhada para comemorar o massacre, e no Vaticano ainda se podem ver três frescos de Vasari descrevendo o ataque ao almirante, o rei em conselho urdindo a matança, e o próprio morticínio. Gregório enviou a Carlos a Rosa de Ouro; e quatro meses depois da carnificina, . . . ouviu complacientemente o sermão de um padre francês, . . . que falou daquele dia tão cheio da felicidade e regozijo, em que o santíssimo padre recebeu a notícia, e foi em aparato solene dar graças a Deus e a S. Luís».

Não foi, porém, só em Roma que a notícia encontrou acolhimento tão ruidosamente festivo. Portugal não ficou muito aquém.

Segundo a brilhante evocação de Antero de Figueiredo,¹ «quando chegam a Lisboa notícias da matança de S. Barthelemy, D. Sebastião ordena que saia uma longa e luzida procissão; que pregue o grande dominico Fr. Luís de Granada; que repiquem ao mesmo tempo todos os sinos e garridas das tôrres de Lisboa; que se enflorem e iluminem, de alto a baixo, os tronos e os altares de tôdas as igrejas; e que

nas principais se ergam aos céus *Te Deums* de sonoros cantos e tudo se faça com magnificência e ostentosos brilhos. Para Catarina de Médicis e Carlos IX seguem cartas de parabéns ardentes; e adiante irá expressamente D. Afonso de Lancastre com uma lustrosa embaixada felicitar os reis de França».

Embora com menos brilho literário, oferece indubitavelmente mais interêsse a descrição feita por Fr. Manuel dos Santos, célebre cronista de D. Sebastião. O monarca encontrava-se retido no leito por impertinente enfermidade. «Estava sangrado El-rei D. Sebastião quando chegaram as cartas de França; mas da cama ordenou que se dessem a Deus públicas graças pela santa resolução de El-Rei Carlos, da qual esperava que se purificasse de hereges aquêlo reino e se restituísse à pureza da fé. . . Aos 8 de Setembro, em que celebramos o sagrado nascimento da puríssima Rainha dos Anjos, fêz a cidade uma procissão geral da Sé a S. Domingos, na qual foi o infante D. Duarte em nome de El-Rei acompanhado da nobreza, e tribunais da Côrte; em S. Domingos houve missa solene, e sermão pelo Venerável Fr. Luís de Granada, que no fim leu ao povo o relatório do successo, que veio de Paris a El-Rei. . .

«El-Rei D. Sebastião, que se abrasava no zêlo da fé, escreveu a El-Rei de França, louvando e levantando sôbre as estrêlas a santa mortandade executada nos Huguenotes; e animando aquêlo Príncipe a levar ao fim a empreza heróica de perseguir os hereges do seu reino até o limpar de todo, e purgar da infecção herética; e para êsse efeito ofereceu ajudá-lo com dinheiro e armas por mar e por terra. . . »¹

Ao saber do católico zêlo que D. Sebastião manifestara depois de receber notícias da mortandade, o papa Gregório XIII escreveu-lhe, congratulando-se, uma carta datada de 8 de Novembro do mesmo ano, da qual extraímos o início:

«A nosso muito amado filho em Cristo, D. Sebastião, etc. Com grande e especial contentamento ouvimos referir ao amado filho António Pinto, que T. Magestade, como príncipe tão pio, escreveste a El-Rei de França o devido parabém pela mortandade que fêz nos

¹ Antero de Figueiredo, *D. Sebastião*, 3.^a ed. Lisboa 1924, pp. 165-166.

¹ Fr. Manuel dos Santos, *História Sebastica*, Lisboa 1735, pp. 235-237.

NOTÍCIAS DO CAMPO

Viagem do Presidente da União Portuguesa — A bordo do «Guiné» partiu em 16 de Fevereiro o Pastor A. Dias Gomes, em visita missionária a Cabo Verde. Todas as notícias recebidas até ao presente (fins de Março) nos indicam que fez boa viagem e que se encontra de saúde. Sem dúvida que a sua visita trará abençoados resultados para a marcha da Obra naquele campo longínquo. Ignoramos ainda quando teremos o prazer de o voltar a abraçar de novo. No entanto, desejando-lhe feliz regresso, desde já antegozamos o privilégio de poder ler as suas impressões em próximo número da *Revista Adventista*.

Missão de S. Tomé — De uma carta do missionário José S. Grave, datada de 16 de Janeiro, publicamos as seguintes linhas, que julgamos de interesse para os nossos leitores.

«Temos feito campanhas por estas roças fora... No primeiro dia do ano fomos fazer a primeira reunião da juventude, com um interessante programa, a um lugar distante da cidade, cerca de 3 quilómetros, junto da casa de uma irmã velhinha que não pode vir à Igreja. No Domingo, 11 do corrente, fizemos a segunda reunião, com programa novo, noutro lugar onde moram duas irmãs, também velhinhas, uma cega e outra entevada. Tivemos de ambas as vezes uma boa assistência... Muitos dos que moram perto daquelas irmãs têm curiosidade em ver e ouvir, mas escondem-se no meio do arvoredo ao nosso redor, sem que os vejamos. Como quasi todos vão à Igreja Católica, têm a nossa Igreja como sendo a do Diabo. Temos duas ou três dezenas de novos interessados... Esperamos confiadamente em Deus, que pode coroar de êxito os nossos esforços.»

Huguenotes; os muitos conselhos que lhe deste; a benevolência e a verdade com que o instruíste sobre o cumprimento da sua obrigação, e sobre o que deve obrar na presente oportunidade, certamente muito desejada, e esperada de ninguém, mas levada ao fim pela bondade de Deus, prudência e conselho do dito rei; e também a grande alegria de ânimo, com que lhe ofereciste o teu socorro: as quais coisas que só agora ouvimos, não foram novas para nós, porque já as conhecíamos na sua causa, a qual tens dentro de ti; e é o sumo desejo com que zelas a causa de Cristo; a tranqüillidade e a propagação da sua igreja; virtudes muito antigas em Tua Magestade, e no parecer de nós todos muito conformes à tua insigne piedade; por esta razão demos logo estas letras para Tua Magestade em devido agradecimento da tua virtude, e para te significar quanto a sobredita notícia nos foi agradável...»¹

E. F.

Casamento — Cremos ser já do conhecimento de muitos dos nossos leitores o enlace matrimonial do Irmão Samuel dos Reis com a Irmã Fernanda Mendes. Realizou-se no dia 15 de Março, em Tomar, a cuja Igreja pertencia a noiva. Terminaram ambos o Curso Bíblico em 1941. O Ir. Samuel tem-se encontrado ao trabalho na Igreja de Coimbra, onde interinamente continua. Ao novo casal de obreiros, desejamos as bênçãos do Céu.

Portalegre (Vila de Niza) — Não queremos privar os nossos caros leitores de recordar com eles os dias de bênçãos para a obra do Senhor no nosso campo, porque foi este o testemunho de todos que assistiram à inauguração da nossa nova sala em Niza.

A linda vila de Niza é para mim porventura a vila de maior silêncio e calma que encontrei em Portugal. Assim creio que os espíritos acordaram quando mil convites anunciaram a abertura do novo salão do Movimento Adventista. Já há mais de um ano que se prêgou o Evangelho do Reino nesta vila pela primeira vez, e tínhamos até uma pequena sala de reuniões bastante modesta e mal situada. É claro que cremos no poder do Evangelho, mas conhecemos também as vantagens de uma casa que só por si convide o público. Foi por isso que os irmãos aceitaram com muita razão a proposta de uma pessoa simpaticante que se prontificou a construir sobre os muros de uma casa caída um salão apropriado e independente ao nosso gosto. Ficámos assim com uma casa que tem as medidas de 8,^{m50} × 7,^{m50} e lugares para 100 pessoas.

A Congregação de Portalegre não podia deixar de manifestar a sua simpatia pelo acto inaugural. Logo quando se marcou o dia 18 de Fevereiro para esse fim, que era uma Quarta-feira, pensámos em alugar uma camionete. Tínhamos receio de que talvez as despesas impedissem os nossos planos, porque pediam-nos 330\$00 para uma lotação de 30 lugares. Mas o entusiasmo era tão grande que não podíamos levar tódas as pessoas que deram os seus nomes. Também louvamos neste lugar a boa acção da Direcção da Sociedade Missionária em nos auxiliar nas despesas com os seus fundos. Houve sempre desde a partida de Portalegre até à chegada a Niza um espírito muito louvável e as gargantas em todo o caminho não cessaram de cantar os nossos belos hinos.

Quando chegámos, o salão, mesmo sem luz, já se encontrava repleto de gente. Também cumprimentámos os convidados da Direcção e obreiros E. V. Hermanson, P. B. Ribeiro, M. Viegas, J. Pires e F. Cordas. Quando começámos a entoar o primeiro hino, ainda mais povo procurava entrada e lugares, ficando a casa repleta de tal forma que até os corredores ou qualquer cantinho disponível estava ocupado. O Ir. E. V. Hermanson iniciou então a sua conferência intitulada: «Os Adventistas e o direito da sua existência em Portugal.» O auditório escutou com um silêncio profundo. Fez-se então a oração de consagração. Seguiu-se outro acto histórico para a vila de Niza, que foi a apresentação do novo obreiro local, Ir. José Júlio Pires.

Este novo salão bem merecia um obreiro permanente. Era esta a maior necessidade, porque de Portalegre era impossível dirigir e cuidar o trabalho, visto que nada menos de 34 quilómetros separam

¹ Id., *Ibid.*, pp. 244.

estas duas localidades e com meios de transporte insuficientes. Graças a Deus por este obreiro que nos preparou. A ele entregamos agora o cuidado do trabalho em Niza e em seu favor suplicamos as bênçãos de Deus para que possa pregar o Evangelho com coragem e poder, para bem das almas sedentas e para glória de Deus. Temos notícias que nos indicam que a frequência continua a ser muito boa, e até tal que se fazem reuniões extraordinárias para dar assim possibilidades de assistência a todos os ouvintes. Oremos por este novo campo para que se torne em breve um novo centro para a evangelização de outras terras circunvizinhas — *Otto Ide*.

Portalegre (Ribeira de Niza) — Mas a nossa alegria ainda aumentou com a conclusão da construção da nossa capela na Ribeira de Niza. Durante meses ansiávamos por ver este dia, mas tivemos de pôr à prova a nossa paciência suportando montes de dificuldades. Podemos dizer que desde o lançamento da primeira pedra ao último retoque de pintura, dificuldades se apresentaram. Deve ser esta a maior prova para nós de que ali há muitas almas que buscam o Reino de Deus. Lembramo-nos e comparamos a nossa construção com a edificação dos muros no tempo de Neemias (Neem. 4) Graças a Deus que sempre nos ajudou com o Seu divino conselho.

Temos agora na freguesia da Ribeira de Niza uma boa propriedade de 720 m² e com a capela de 50 m² de dimensão. A construção em si é sólida e com linhas bem agradáveis até ao ponto de os próprios inimigos confessarem que a capela dos Adventistas agora é o melhor edifício da freguesia.

Tinhamos as festividades de inauguração nos dias 20-22 de Fevereiro com um bom programa e sob o mote: «Servi ao Senhor com alegria». (Sal. 100:2). Foi o Ir. Viegas que nos dirigiu em primeiro lugar a palavra no culto da Sexta-feira. Era grande a sua lição sobre a fé. Devia ter sido também um grande privilégio para este irmão ver concluída a obra que começou. O tempo era bastante desfavorável para a deslocação dos irmãos de Portalegre. Alugámos uma camionete que levou no Sábado de manhã a todos para a Ribeira de Niza. A Escola Sabatina esteve bastante animada sob a direcção do Ir. P. B. Ribeiro. Havia alunos de três escolas sabatinas. Depois assistimos ao culto solene de consagração feito pelo director E. V. Hermanson. O espaço não permite dar um resumo das suas palavras. A casa de Deus é o lugar de sua revelação, e nós sentimos a sua presença esta manhã.

O Ir. Ribeiro fez então a oração de consagração e toda a assistência pôde dizer do fundo do seu coração «Amen». Seguiu-se o testemunho de outros obreiros e membros, e a leitura de uma carta do Presidente da União Portuguesa, ir. Dias Gomes, impossibilitado de assistir a este acto inaugural. Todos fizeram votos para que esta capela se torne grande meio para a salvação das almas. Tivemos muito prazer em ver e ouvir o testemunho da primeira alma baptizada desta freguesia, a nossa prezada irmã Maria da Glória, mãe do nosso Irmão Manuel Lourinho.

A gratidão de todos manifestou-se numa boa colecta para o fundo «Pro-Templos» que rendeu 2.076\$20. A tarde deste belo Sábado foi preenchida pela juventude da Ribeira de Niza, que nos apresentou no seu festival um lindo programa de poesias, diálogos e cânticos. A juventude de Portalegre agradeceu com uma reunião especial no Domingo à tarde, que todos muito apreciaram e na qual se fez ouvir pela primeira vez o orfeão desta Sociedade dos M. V.

O nosso agradecimento estende-se ao lado de Deus

a todos os irmãos que ajudaram com o seu auxílio moral e material. Manifestamos o nosso reconhecimento num voto de gratidão para a Divisão Sul-Europeia.

Também nos lembramos em especial dos nossos fiéis irmãos da Ribeira de Niza que se prontificaram a fazer o muro e outros que deram o seu trabalho. Deus também abençoa a boa vontade de outros amigos que se prontificaram em nos manifestar a sua simpatia. Falta agora realizar, com a ajuda de Deus, a obra da salvação nesta localidade e para este fim pede o autor destas linhas o vosso apoio, com as palavras de S. Paulo: «E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus.» (Rom. 15:30).

Ainda temos outra sala aberta em Reguengo com Escola Sabatina, a Escola Sabatina em S. Julião e outro lugar de reuniões nas Covas de Belém. Mais tarde daremos notícias sobre este trabalho, como também do trabalho local de Portalegre. Por hoje aceitai as nossas saudações fraternais — *Otto Ide*.

Vila Real de Santo António — Já se passaram alguns meses, desde que fui enviado a Vila Real para tomar conta do trabalho. Já não é sem tempo que pego na caneta para apresentar um relatório do que se fez, graças a Deus. «O Senhor não retarda a Sua promessa», lemos na II Epístola do apóstolo Pedro, «mas é longânimo para connosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.» Julgo que esta vila tem no seu particular muita razão em acreditar nestas palavras. Deus é longânimo e misericordioso para com esta Congregação. Não senti coragem de pegar da pena antes do tempo, somente nestes momentos vendo Deus derramar misericordiosamente o Seu bom espírito sobre os membros, e de igual modo sobre os nossos amigos e interessados. Temos um plano muito promissor: incorporar qualquer interessado, desde que esteja de acordo, na Escola Sabatina, sendo este passo o primeiro para o melhor convívio com a Igreja.

Assim temos tido ao princípio do trimestre presente 18 membros da Escola Sabatina, dos quais 7 já foram baptizados em Dezembro de 1941, como já tiveram oportunidade de conhecer. Propus fixar o alvo de 30 para o número de membros da Escola Sabatina até ao fim do trimestre. Posso dizer-vos que o nosso esforço foi abençoado, tendo, até agora (7 de Março), inscrito 27. Nunca devíamos esquecer o valor da Escola Sabatina como «Sala de espera» da Igreja!

No dia 25 de Fevereiro tive a oportunidade de apresentar-me pela primeira vez ao público desta vila num esforço especial. Graças a Deus, parece surgir de novo a já conhecida simpatia para com a nossa organização. A sala não podia estar mais cheia do que tem estado nestes dias. Nas primeiras noites até tinham de ficar muitas pessoas fora. O que nos vai fazendo muita falta é um «instrumentozinho» para tornar os nossos cultos mais solenes e mais atraentes da parte do cântico espiritual. Eu sei que os nossos irmãos dirigentes estão procurando, mas deve haver dificuldades em encontrar. Se por acaso algum dos nossos prezados leitores conhecer um instrumento que esteja à venda, não queria ter a gentileza de comunicar-me, falando da sua qualidade e preço? Muito grato lhe ficaria.

Não quero deixar de vos falar de um lugar próximo de Vila Real, chamado «Hortas». Graças à amável oferta do nosso prezado amigo Sr. Sebastião podemos realizar semanalmente reuniões em sua casa, e por sinal são muito bem frequentadas. Sentimos honra em apresentar o Evangelho de Cristo

«pois é o poder de Deus para salvação», como diz o Apóstolo Paulo aos Romanos.

Porém o nosso trabalho estende-se, ultrapassando os limites dêste Concelho. Por termos principiado a evangelização em Vila Real de Santo António, na extremidade do País, não quero isso dizer que desprezemos as demais terras do Algarve, que nos parecem dar um bom futuro para a obra do Senhor. Pela Campanha das Missões, chegámos a conhecer almas nobres em Tavira, Olhão e Faro, com as quais procurámos ficar em contacto, até que nos seja possível oferecer-lhes uma sala de culto com o respectivo esforço missionário. Alegro-me em vos dizer que temos em Portimão e Lagos duas irmãs, que julgo Deus tem chamado a servirem um dia como ponto de partida para trabalhos eficazes nesses lugares; e talvez não só «um dia», mas já presentemente, vos informando que estou preparando uma alma ali.

Sim, sinto-me responsável não somente por Vila Real como o meu campo destinado, mas pelo Algarve todo com as suas populosas terras de encanto natural; e se Deus permitir hão-de ser em breve centros de encanto espiritual. — *Karl F. P. Sommer.*

Uma carta digna de se ler — Quási isolada a bastantes quilómetros de Lisboa, temos uma irmã, que, apesar de hostilizada pela família mais próxima, a começar pelo marido, continua sempre fiel ao seu Deus. Dela recebemos há pouco a seguinte carta, que reputamos digna de se arquivar:

«Prezado irmão na Fé de nosso Senhor Jesus Cristo. A paz seja consigo. É hoje sábado, dia do Senhor, e nêle desejo aproveitar a ocasião para lhe escrever... Venho dizer-lhe que todos os momentos que posso emprego-os a estudar a palavra do Senhor, que é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho. Além de ter muitas dificuldades e ser muito tentada, muito odiada, pela minha fé e oração vou vencendo a batalha.

«Satanás assaltou a Cristo com as suas cruéis e subtis tentações, mas foi vencido em todos os ataques. Cristo dará também força a todos os que O busquem, de sorte que, tenho a certeza, o tentador não terá poder para governar a vontade ou forçar a alma a pecar. Pode angustiar mas não contaminar. O facto de Cristo ter vencido deve incutir em Seus seguidores coragem para combater varonilmente na peleja contra o pecado e Satanás. Deus me não deixe desfalecer a minha fé, para combater tôda a tentação, com que sou tão perseguida. «Graças a Deus que sempre nos faz triunfar em Cristo e por meio de nós manifesta em todo o lugar o cheiro do seu conhecimento» (II Cor. 2:14). Dão-me grande coragem as palavras de Isaías 54:14: «Com justiça serás confirmada: estarás longe da opressão, porque já não temerás; e também do espanto porque não chegará a ti.» Deus nos deu nova vida e reconciliação de fé e amor, e então a linguagem da alma será: Oh quanto amo a Tua lei! É a minha meditação em todo o dia.

«Termino desejando-lhe as inumeráveis bênçãos do Alto. Que o Senhor nos guarde até à vinda gloriosa de Seu amado Filho Jesus Cristo nosso bendito Salvador. Amen.»

Lisboa. Falecimento — Vitimado pela tuberculose que o vinha minando, faleceu no dia 2 de Março, quási inesperadamente, o Ir. Alfredo Gomes Furtado. Saira há poucos dias do Hospital do Rêgo, onde estava internado, e encontrava-se, na esperança de experimentar alívio, em sua terra natal, Mações de Caminho, concelho de Alvaiázere. Este nosso jovem, assim podemos dizer pois contava apenas trinta e dois anos, fôra baptizado em 4 de Maio de 1940.

Apesar de novo na fé, estava animado de grande zelo missionário, como se prova pelo interesse que suscitou no hospital, e que continua mesmo depois da sua morte. Apresentamos os nossos sentimentos à família, em particular ao seu irmão, Joaquim Gomes Furtado, membro também da igreja de Lisboa.

ATENÇÃO!

O próximo número da REVISTA ADVENTISTA será inteiramente consagrado à história do nosso movimento em Portugal. Será do máximo interesse a sua leitura.

A quem iniciar com êsse número a assinatura da revista, enviar-se-ão gratuitamente todos os números publicados até ao presente. Só beneficiará, porém, deste privilégio quem pagar a sua assinatura adiantadamente.

SUMÁRIO

<i>Uma nova ocasião</i>	1
<i>Estai preparados</i>	2
<i>«Ainda um pouquinho de tempo...»</i>	3
<i>A legislação portuguesa e os Adventistas de Sétimo Dia</i>	5
<i>Através do mundo Adventista</i>	7
<i>Ainda sobre o espírito de profecia</i>	8
<i>Espírito de crítica</i>	9
<i>Notícias da Missão de Cabo-Verde</i>	11
<i>«O conflito dos séculos»</i>	13
<i>Notícias do campo</i>	14

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia.

Publicação bi-mestral

Director: *A. Dias Gomes*
 Redactor: *Ernesto Ferreira*
 Administrador: *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,
 Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00
 Assinatura anual 5\$00

Comp. e imp. na Imprensa LUCAS & C.*
 Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA